

Um ensaio sobre o finito, o infinito, o tempo e a infância a partir de dois contos de Guimarães Rosa sob a ocular de Paul Tillich

Viviane de Sousa Rocha¹

Resumo: O tema desta pesquisa é a análise de dois contos: *As Margens da alegria* e *Os cimos* de *Primeiras Estórias* sob a referência teórica de *Teologia da Cultura* de Paul Johannes Tillich. O objeto de pesquisa será: *As Margens da alegria* e *Os cimos*, os contos inicial e final de *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa. Faremos esse percurso, “travessia”, a partir dos textos de Paul Tillich, principalmente, a obra: *Teologia da Cultura* (2009). O trabalho aqui descrito pretende engendrar e emergir aspectos da vida humana, da cultura, nos quais as noções da existência, da finitude, do percurso da própria vida surgem de forma relevante. O Menino, personagem protagonista, em plena infância, parece vivenciar e experienciar a finitude da existência, expressa em dois momentos, em tempos distintos, em dois contos escritos em terceira pessoa. A questão aparece em decorrência de estudos da temática literatura e religião e em pesquisas bibliográficas. O método será de abordagem qualitativa. A metodologia será a pesquisa bibliográfica, por meio de revisão de literatura, caminho que buscaremos aprofundar a leitura dos contos de Rosa, a partir do diálogo com Paul Tillich em seu livro *Teologia da Cultura* e de outros autores.

Palavras-chave: Contos. Tempo. Infância. Guimarães Rosa. Paul Tillich.

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem por finalidade explicar sobre a questão metafísica da temporalidade a partir dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, que fazem parte do livro *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa (2001), apresentando brevemente, recortes referentes à construção narrativa e das noções temporais na linguagem de Rosa. Também será exposto como o tempo é expresso em três autores da filosofia da religião. É importante dizer que este estudo faz um recorte dos contos e de autores no aspecto tempo sobre a temática da temporalidade, não se fixando no marco teórico de Paul Tillich em *Teologia da Cultura*, porém tendo-o como referencial teórico principal para esta pesquisa e estudos futuros. O objetivo é demonstrar como o tempo apresenta-se como uma categoria importante para o processo narrativo dos contos, mas também como debate presente na tradição dos estudos da Filosofia da Religião em autores como Agostinho, Tillich e Kierkegaard. Questões metafísicas em trechos de *Grande Sertão: Veredas*, serão apresentadas, mas não será nosso objetivo analisar os vários tempos e nem a obra *Grande Sertão: Veredas*. Portanto, este ensaio intenciona ampliar o olhar para o horizonte da temporalidade a partir dos contos de Rosa (primeiro e último do livro *Primeiras Estórias*) tendo autores como Paul Tillich, Kierkegaard e Agostinho como referências. As suas

1 Mestranda em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora, Pós-graduada em Ciência da Religião(2020). Pós-Graduada em Língua Portuguesa (2003) e Estudos Literários (2001) pela UFJF. Licenciada em Letras (1999) pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e-mail visrocha1977@gmail.com

diferentes visões, contextos de época e credos não serão destaque neste ensaio, assim como não será aprofundado, mas somente apontado conceitos retratando uma visão panorâmica, geral devido às limitações de tempo e as características do gênero textual ensaio que tende a ser breve. Cada um dos autores mereceria um único trabalho, devido a suas complexidades, importância e especificidades para o estudo da área da Filosofia da Religião.

1 AS OBRAS DE ROSA

Assim iniciaremos com o filósofo, místico, professor Riobaldo, sertanejo, o trajeto, situando nosso tempo em um contexto pandêmico, durante esse tempo a leitura se torna uma viagem ao mágico, místico e o metafísico mundo de Rosa. Rosenfield (2006, p. 101) explicita que toda a obra de Rosa é animada pela tensão entre uma temática profundamente atemporal, os anseios do mágico, do místico e do metafísico. Rosenfield (2006, p. 150) afirma ainda que novela e poema, romance e conto de Rosa parecem deslizar uns nos outros, de forma que a sua obra é um permanente e paciente exercício de um mesmo núcleo, o do conto maravilhoso ora na forma “hiperbólico” como em *Grande Sertão: Veredas*, ora na forma da “miniatura” (*Primeiras Estórias, Tutaméia*).

A mística é presente nas obras de Rosa. O autor Henrique C. Lima Vaz (2000, p.10) define o termo mística como uma forma superior de experiência de natureza religiosa ou religioso-filosófica (Plotino), que se desenrola normalmente num plano transracional, além da razão que, no entanto, mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo. Orientadas pela intencionalidade própria dessa original experiência que aponta para uma realidade transcendente, essas energias elevam o ser humano às mais altas formas de conhecimento e de amor que lhe é dado alcançar nesta vida.

A mística é presente em obras de Rosa, em personagens, Riobaldo, por exemplo e o próprio Rosa que se dizia místico, segundo cartas e entrevistas (Bizzarri e Lorenz) conforme Rosenfield (2006, p. 147) a forma vaga, entusiasta e mística que Rosa dá nas entrevistas à sua concepção esconde analogias estilísticas e temática com os procedimentos sóbrios e cerebrais dos seus precursores austríacos. Rosenfield continua sobre questões místicas e metafísicas na obra de Rosa, no capítulo “O núcleo místico e metafísico na obra de G. Rosa: chave de unidade da obra”. (ROSENFELD, 2006, p. 151) Apresentando como há uma questão de unidade na obra de Rosa o que também neste ensaio será exposto, a temática das suas obras. Será possível pesquisar a fé do místico Riobaldo?

Paul Tillich (1985, p. 43), por sua vez, expressa que a fé mística é aquela em que o próprio místico sabe da distância entre o finito e o infinito, conformando-se com uma vida em que a união extática com o infinito é apenas raramente, ou mesmo jamais, alcançada. E o crente só pode ter fé na medida em que ele é possuído por aquilo que o toca incondicionalmente.

Segundo Bernardes, o ser humano se abre às experiências transcendentais no próprio tempo: não é fora do tempo que ele faz a experiência da transcendência; mas sim no tempo. (DA SILVA BERNARDES, 2020, p. 7) Pode-se a partir das experiências e do tempo refletir

sobre a vida, sobre a fé e sobre Deus como em *Grande Sertão: Veredas* paradoxalmente se apresenta o Sertão, Deus, a religião e a mística.

Todos estamos cercados de vida e morte na pandemia que revelou o mundo em paradoxos, ambiguidades e antíteses neste período de um ano e meio assemelhando-se a uma guerra, ao Sertão de Rosa. Antonio Candido (1971, p. 134) sugere que *Grande Sertão: Veredas* “é repleto de ambiguidade metafísica”, envolvendo tanto Riobaldo quanto todos nós. Tal ambiguidade é geográfica, espacial, temporal, afetiva e amorosa: de um lado, há o amor sagrado de Otacília; de outro lado, o amor profano da encantadora Nhorinhá. Isto é, há as faces permitida e interdita do amor. Há, também, a suprema ambiguidade da mulher-homem que é Diadorim, além da ambiguidade metafísica, entre Deus e o Diabo, realidade e dúvida do pacto. Estes são os diversos planos de ambiguidade que compõem uma fusão de contrários, formando uma dialética extremamente viva que nos envolve a todos. No entanto, fazemos a travessia, assim como Riobaldo. As obras de Guimarães nos fazem viajar. Atravessar o deserto, mas também nessa travessia sabemos que «viver é perigoso”. Segundo Hugo Fonseca Alonso Júnior (2012, p. 145) “a leitura e interpretação da Literatura produzida por Guimarães Rosa problematizam diversos elementos fundamentais à vida e à sabedoria humanas, por exemplo: amor, a linguagem, o tempo, a psique e a religião”. Neste ensaio será abordado apenas um enfaticamente, o tema tempo.

Durante um tempo, no momento em que não podemos ir para lugar nenhum, devido à guerra contra um inimigo invisível, um vírus, aproveitamos para viajar junto de Riobaldo, mas também do Menino, nessa estranha viagem, em leituras, em meio a outros tantos personagens que surgem com suas histórias, estórias, contos, casos e causos. Entre esses surge a vida de crianças que são narradas em *Grande Sertão: Veredas*, episódio da travessia do Rio São Francisco, por exemplo, quando Riobaldo menino e Diadorim se encontram pela primeira vez, e atravessam o rio. Mas também, em outras obras como em *Primeiras Estórias*. Rosenfield (2006, p. 159) faz um resumo da construção arquitetônica de *Primeiras Estórias*, em três tríades que citaremos apenas a primeira tríade (1-11-21), segundo ela *Espelho*, a décima primeira estória, corta o conjunto em duas metades de 10 estórias, a primeira (*As margens da alegria*) e a última (*Os cimos*) se correspondem na ordem inversa, a primeira vai da beatitude ao verter da queda, desamparo, movimento ascendente, já a última o movimento se dará em caminho inverso, do desespero retomando para a alívio e a esperança. Outros autores também reportam à meninice. Agostinho em *Confissões* sobre a eternidade e a fé em Jesus narrada sob o olhar de sua infância, o autor criança, menino ouviu falar da eternidade e afirma que: “ainda menino, ouvi falar da vida eterna, que nos está prometida pela humildade de Jesus, nosso Senhor, que desceu até nossa soberba; e fui marcado com o sinal da cruz, sendo-me dado saborear de seu sal logo que saí do ventre de minha mãe, que sempre esperou muito em ti.” (AGOSTINHO, 2007). Agostinho versa sobre a eternidade e questiona ainda sobre o tempo. O que é o tempo?

2 O TEMPO PARA AGOSTINHO, TILLICH E KIERKEGAARD

Agostinho de Hipona, no livro X das *Confissões*, afirma que o presente é o limite entre passado e futuro. O presente é constituído por um não ser duplo: não é passado e não é futuro. Ainda sem refletir sobre o futuro, o autor clássico afirma que o ser humano tem a capacidade de reter o passado, a memória. Trata-se da capacidade humana de subjetivar o tempo. Não há somente uma percepção física do tempo (quantidade), mas uma percepção psicológica do tempo (qualidade). A partir desse autor, o tempo é considerado em sua dupla estrutura: quantitativa (material) e qualitativa (psíquica). (DA SILVA BERNARDES, 2020, p. 10) Agostinho no capítulo XIV, *Confissões*, (2007) questiona sobre o tempo. O que é o tempo? Quem poderia explicá-lo:

Que é o tempo? Não houve, pois, tempo algum em que nada fizesses, pois fizeste o próprio tempo. E nenhum tempo pode ser coeterno contigo, pois és imutável; se, o tempo também o fosse, não seria tempo. Que é pois o tempo? Quem poderia explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, com bastante clareza para exprimir a ideia com palavras? E no entanto, haverá noção mais familiar e mais conhecida usada em nossas conversações? Quando falamos dele, certamente compreendemos o que dizemos; o mesmo acontece quando ouvimos alguém falar do tempo.

Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei. Contudo, afirmo com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse agora, não haveria tempo presente. Como então podem existir esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e se o futuro ainda não chegou?

Nessas questões de Agostinho sobre o tempo, continuadas de forma distinta em outro tempo, agora já no tempo da modernidade com Tillich, pode-se indagar como se apresenta o Tempo em *Teologia da Cultura* e *Teologia Sistemática*? Paul Tillich, em *Teologia Sistemática* afirma que: “o tempo é a principal categoria da finitude. Todo filósofo se sentiu fascinado e embaraçado por seu caráter misterioso(...)” (TILLICH, 1987, p. 165). Já em *Teologia da Cultura* expressa questões tais como finito, tempo e espaço e existência:

existir significa ser finito ou ser no tempo e no espaço. Essa afirmação aplica-se a todas as coisas deste mundo. O tempo e o espaço são poderes da existência universal incluindo a existência humana, o corpo e a mente. Andam juntos: medimos o tempo por meio do espaço (TILLICH, 2009, p. 69).

Paul Tillich ao tematizar o tempo traz o filósofo Kierkegaard para o diálogo e expõe que “Kierkegaard representa a ala religiosa da filosofia existencial. Ele nunca se considerou filósofo, e os que acham nele um tipo clássico de pensador existencial, muitas vezes se mostram reticentes.” (TILLICH, 2009, p.157)

De Souza (2010, p.25) expõe que Kierkegaard publicou sua obra *Migalhas filosóficas* em 1844, sob o pseudônimo Johannes Climacus. Mesmo não sendo um livro extenso, remete o leitor a diversas questões fundamentais no pensamento ocidental, tais como a ideia de verdade e a maneira de conhecê-la, as ideias de temporalidade e eternidade, ou a contraposição entre possibilidade e necessidade, revelando sutilmente uma espécie de tensão e de diálogo entre o pensamento filosófico com raízes no mundo clássico pagão e o pensamento cristão, que acabam por transparecer na forma como são expostas visões diferentes das ideias, como na comparação entre as concepções diferentes de verdade no pensamento grego e na visão cristã.

Interessa neste ensaio a questão da temporalidade e eternidade no capítulo Interlúdio de *Migalhas Filosóficas* para pensar, refletir sobre “O passado é mais necessário do que o futuro?” questão que Kierkegaard expõe entre tantas outras questões complexas como: devir, tempo histórico, passado, presente e futuro, infinito e eternidade, conceitos distintos. Humberto Araújo Quaglio de Souza (2011, p. 50) expressa que “um dos pontos fundamentais da argumentação de Climacus neste interlúdio é a afirmação do devir”. O devir é a possibilidade do não-ser vir a ser ou seja, da mudança. Segundo, De Souza (2011, p.58) “o devir, portanto, pressupõe uma mudança a passagem da possibilidade à realidade”.

Embora autores tematizem em seus textos sobre a questão do tempo, da eternidade, do finito e do infinito, a questão do tempo e da eternidade continua um mistério. “Por maior que seja o rigor lógico de Kierkegaard ou de Agostinho ao demonstrar a distinção entre tempo e eternidade, esta continua em grande parte imperscrutável à mente humana” (De Souza, 2011, p. 65). Porém será que há questões do tema tempo na literatura de Rosa? Há filosofia nos contos?

3 OS CONTOS: AS MARGENS DA ALEGRIA E OS CIMOS

Os contos trazem como uma temática geral, a infância. Rosenfield (2006, p. 120) expõe que “a meninice com os seus delicados estados de alma (alegria e desamparo) ocupa um lugar central em *Primeiras Estórias* tornando-se o próprio princípio construtivo na arquitetura do conjunto”.

Deste tema meninice se desdobram outros subtemas tais como o tempo e o espaço. Nosso objetivo será a análise do tempo nos contos. Os simbolismos expressos pela linguagem como, por exemplo, no próprio título de um dos contos “Os cimos” que nos remeteu ao texto da tradição bíblica, referida em Exôdo 19, 16-20, principalmente quando na tradução da Bíblia de Jerusalém: “Javé chamou Moisés para o cimo da Montanha, e Moisés subiu”, de modo que é possível ler a subida do Menino como um “crescimento”, ascese, mas não só de

um crescimento no âmbito de conhecimento, mas de descobertas transcendentais como a enunciada por Tillich de que “nossa finitude é a fonte da nossa ansiedade.” (TILLICH, 2009, p. 27). Ou a presença do tempo do adulto, o Tio que olhava para o relógio no conto *Os cimos*. Marca o tempo do adulto, a ansiedade do adulto diferente do olhar do Menino que nos sugere o olhar para o horizonte, para o transcender, fora da ansiedade, plenitude.

Segundo Rosenfield (2004, p. 156) há presente uma linguagem platônica em Rosa. O Menino que vem de longe de avião, encontra uma clareira, o maravilhamento intenso do majestoso peru. Esse maravilhamento é na verdade, a expansão, a plenitude e a intensidade da própria alma infantil. Metáfora diminuta para o senso comum, das figuras eruditas da “reminiscência Platônica”, (não aprofundaremos a questão platônica neste ensaio).

O narrador se difere de *Grande Sertão: Veredas*. Segundo Rosenfield, não há mais uma voz que fala de dentro da alma. O narrador que fala agora se diversifica e assume múltiplos papéis. Ele se mantém num espaço neutro de onde segue e descreve os personagens. A autora ainda afirma que o narrador aprofunda e descreve o mesmo tema. Ele incorpora diversas modulações do núcleo narrativo judaico-cristão da travessia e do exílio no interior da arquitetura das vinte e uma histórias. (ROSENFELD, 2004, p. 156)

3.1 AS MARGENS DA ALEGRIA

O conto *As margens da Alegria*, o primeiro da obra do livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa, inicia-se com uma viagem, “inventada no feliz” (ROSA, 2001, p. 49) para a qual o protagonista, o Menino, é observado pelo narrador de terceira pessoa como aquele que vê o “móvel mundo” (ROSA, 2001, p. 50). Tratado como *Menino*, ao longo do texto, com destaque para a letra inicial do substantivo comum em maiúscula, esse personagem enfrentará descobertas de questões sobre a vida e a morte, acompanhado pelos Tios, outro substantivo que aparece na narrativa com inicial maiúscula. Interessante salientar que o Menino desconhecia o motivo da viagem e talvez isso o prendesse ainda mais na observação do “móvel mundo” que lhe passava à janela, durante a viagem de avião. Além disso, a viagem o colocava frente a uma série de situações novas, dentre as quais surge a paradoxal situação: momento em que avista no quintal “o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração” (ROSA, 2001, p. 51). Uma novidade, uma contemplação, a qual, mais tarde, ao ser a ave procurada pelo Menino é vista por outra perspectiva. A ave já não pode ser percebida com o mesmo entusiasmo “perdia a eternidade”: “só umas penas restos no chão. Ué, se matou. Amanhã não é dia de anos do doutor? Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam.” (ROSA, 2001, p.52).

Visto isso, aproximamos dessa leitura literária, que recorta um momento de contemplação de vida e de morte, a perspectiva filosófica, porque espelha o sentimento da criança através da linguagem que, de acordo com o conto ainda era “hieroglífico”, ou seja, ainda que de modo infantil, o Menino começa a construir seu entendimento sobre a finitude, sobre a

vida e a morte. No conto, *As margens da alegria*, as margens são um espaço que delimita a própria alegria do Menino, a ansiedade e o desamparo.

Outro episódio que nos remete à reflexão do Menino sobre a finitude e/ou a morte é a derrubada da árvore:

A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: ruh...ruh... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acerto – inaudito choque – o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu – atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguiez do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos – da parte de nada. Guardou dentro da pedra. (ROSA, 2008, p. 54)

Em palavras, como “instante” e “inaudito choque – o pulso da pancada”, a linguagem relaciona-se ao tempo (instante) e à morte, ao choque, ao pulso que não pulsa mais e à “árvore, que morrera tanto”. O Instante também pode remeter o “instante” de Kiekegaarg, o eterno atravessa o temporal, ocorre em qualquer tempo. Isto revela outro aspecto paradoxal do instante. A dádiva da verdade, no cristianismo, só ocorre necessariamente na relação entre o discípulo e o mestre, que é Deus e homem simultaneamente, que esteve presente no mundo em um ponto da história, mas que é capaz de tornar seu discípulo qualquer homem em qualquer época. (DE SOUZA, 2010, p. 32).

O verbo morrer não necessita da palavra “tanto”. Mas essa vem ampliar e aumentar o sentido da morte que “guardou dentro da pedra”. Outro índice linguístico de simbolismos, nessa mesma citação, seria a pedra. Pedra que enterra, mas também, a pedra altar – nos sugere o céu que o menino vê: “olhou o céu-atônito azul” e eis que surge o vaga-lume, elemento que se une tanto à cultura popular, pois pode se referir ao inseto próprio de lugares rurais e escuros, onde com a parca iluminação a luz do vaga-lume se torna clara e reluzente; quanto ao campo semântico religioso que frequentemente faz alusão à luz: luz que brilha no céu em relação ao divino. A luz esperança e salvação; luz como fé e promessa de outra vida; luz como forma de continuidade desta vida. Eis, portanto, que surge, ao final do conto, o vaga-lume.

No conto, na parte final, surge a luz do vaga-lume verde: “Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vaga-lume”. E continua: “Sim, o vaga-lume, sim, era lindo! - tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria.” (ROSA, 2001, p. 55). Retorna a Alegria inicial do conto do início da viagem em um instante. O verde do vaga-lume, nos remete a esperança. A luz na Bíblia é iluminação, o sol ilumina, longe das trevas, da morte, a luz é esperança, é a presença para os cristãos de Jesus no Novo Testamento, em uma tradição cristã, o cumprimento da promessa, símbolo da vida. A noite, porém, é a morte, a escuridão, Deus presente nos dois momentos no cotidiano da vida, mas também no Cimo, o Sagrado. A nuvem ou o fogo que caminha no deserto adiante do povo como em Êxodo 13,21. Em João 8, 12 “De novo, Jesus lhes falava: Eu sou a luz do

mundo. Quem me segue não andarรก nas trevas, mas terรก a luz da vida”. Essa luz, o pr3prio Deus. Admirado e interrogando a vida com in3meros porqu3s, como toda crian7a, o Menino segue atento, observando o fluxo da vida e as descobertas poss3veis neste percurso, ora claras, ora escuras assim como n3s na travessia da vida, na viagem, no percurso do tempo.

Percebe-se, frente a alegria inicial e o rito de inicia73o 3 vida, a cerim3nia da descoberta de quest3es da vida e da morte, quest3es existenciais, mas tamb3m metaf3sicas frente ao novo que se mostra durante a estada do Menino na casa dos tios em uma viagem. 3 noite surge o vaga-lume. Essa cena livra-o da ang3stia, da ansiedade, desamparo, deslumbrado que fica com o brilho fosforescente da primeira luz do vaga-lume; a alegria e o fasc3nio se produzem na forma de revela73o da Beleza, contempla73o da luz, era lindo e outra vez a Alegria. Assim, finaliza este conto com a palavra Alegria tamb3m em mai3scula. Na no73o de Tillich, seria interessante perguntar tamb3m pela pr3pria beleza enquanto manifesta73o do incondicional; ou seja, de um ponto de vista tillichiano n3o 3 necessariamente a refer3ncia b3blica 3 luz que aponta para o incondicional, a pr3pria beleza que se percebe no vaga-lume ou na ave que se mostra no quintal, j3 o faz.

Para Tillich (2009, p. 118) n3o existe estilo algum que exclua a express3o art3stica da preocupa73o suprema, pois o absoluto n3o se restringe a formas particulares de coisa ou experi3ncias. Mostra-se presente ou ausente em qualquer situa73o. Brilha numa paisagem, num retrato ou em cenas humanas, dando-lhes a profundidade do sentido. Percebe-se aqui o brilho da profundidade no conto de Rosa que se completar3 com o 3ltimo conto como uma jornada, uma viagem de volta para a casa dos tios, a ave ser3 outra a ser contemplada a beleza.

3.2 OS CIMOS

O conto *Os Cimos*, o 3ltimo da obra, 3 “a 3ltima est3ria do livro completa o rito de inicia73o do Menino, anunciado no primeiro conto” (CASTRO, 1993, p. 58). O conto continua no espa7o da casa dos Tios e a doen7a da M3e 3 agora o expl3cito motivo central da viagem, em que “outra era a vez”, “sabia que a M3e estava doente. Por isso, o mandavam para fora, decerto por demorados dias, (...)” (ROSA, 2001, p. 224). O conto inicia-se diferente do outro que era na alegria, agora o menino fingia que sorria.

O Menino volta para casa dos Tios, “outra era a vez”, Rosenfield (2006, p. 151) exp3e que *As Primeiras Est3rias* aparecem com uma modula73o, no estilo dos tradicionais contos de fadas. O tempo era outro, desta vez “fingia apenas que sorria”. Tinha os brinquedos por perto. O bonequinho macaquinho a tia lhe entregava, enquanto o “tio olhava o rel3gio”.

O avião n3o cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o v3o (...). O menino sofria sofreado. O avião ent3o estivesse parado voando - e voltando para tr3s, mais, e ele junto com a M3e, do modo que nem soubera que o assim era poss3vel (ROSA, 2001, p. 226).

Nesse episódio, importa observar a palavra: “voo”, criando o simbolismo de sair do chão, sugere o levantar do avião, mas também do menino, mas o menino sofria “sofreado”.

A vista de outra ave, não mais o peru imperial que vive na terra, (espelhamento do primeiro conto) mas, o Tucano que alça voo e agora desperta a novidade “esperava; pelo belo. Havia o tucano – sem jaça- em vôo e pouso e vôo.” (ROSA, 2001, p.224) O Tucano participa deste crescer, sugere o elevar do Menino com sua presença, beleza e seu voo em que, todos os dias, auxilia o Menino a experienciar a dor da lembrança de ter a Mãe doente e, agora, ter o entendimento sobre questões que ainda não tinha. O Menino sofria sofreado. O dia a noite, o relógio do tio marcas do tempo, finito e infinito na casa que “não mudara, entre e adiante das árvores”. Mas o Menino já não era o mesmo da outra viagem. “Os cimos das árvores se douravam”. Vê o dourado das árvores que também anunciam que já não é mais o mesmo. Imagem que remete mais uma vez à luz, ao sol, símbolo do divino. No dourado surge a ave tucano: “Os cimos das árvores se douravam”. Nessas árvores surge um tucano cujo grito: “Crrée!” (Rosa, 2001, p. 229) prepara o tempo metafísico, transcendente e espaço que surge “dourado”, uma ambiência de luz como no primeiro conto, de contemplação do belo.

Com destaque para a letra inicial do substantivo comum em maiúscula, também da Mãe que ao final se recupera e Alegria (do primeiro conto) ao retornar para casa a “vida, mesmo, nunca parava”; “aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa”. “(...) Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida” (ROSA, 2001, p. 233, 234). O conto finaliza-se com a palavra vida, agora vinha e ele sorria, o Menino sorria enigmas. Enigmas, mistérios da vida, mistérios seus.

Os contos *As margens da Alegria* e *Os cimos*, os dois contos abraçam toda a obra de *Primeiras Estórias* e são complementares entre si, o “olhar de menino” que fornece moldura para as divagações entre o bem e o mal (ROSENFELD, 2006, p. 151). *Primeiras Estórias* apresentam desenhos para os contos ao final do livro que sugerem as marcas simbólicas que constantemente estão no autor como em *Grande: Sertão Veredas*. O símbolo do infinito: ∞. Símbolo presente nos desenhos das duas estórias, dos dois contos: *As margens da alegria* e *Os cimos*, e em *Grande: Sertão Veredas*. O que nos faz refletir como as obras podem realmente fluir umas nas outras como um rio, como expõe Rosenfield (2006, p. 150) que novela, poema, romance e conto de Rosa parecem deslizar uns nos outros.

CONCLUSÃO

Este ensaio, a partir de um breve levantamento bibliográfico que apenas inicia-se, no tempo de um estudo, buscou pesquisar o tema tempo. As respostas às questões não estão fechadas e não se deseja uma conclusão frente a pluralidade de sentido da linguagem literária de Rosa, o mistério e enigmas da vida e do tempo. “(...) Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida” (ROSA, 2001, p. 234). O personagem Menino se depara e descobre

novidades em sua viagem. Pretendeu-se expor conceitos dentro da categoria tempo como reflexões e questões dos autores.

Porém, pode-se concluir que o tempo é uma categoria importante nos contos de Rosa e para a filosofia da religião nos autores (Agostinho, Tillich e Kierkegaard). O trabalho teve por finalidade destacar a questão da temporalidade nos contos e nos três autores, tempo, finito, infinito, instante e eternidade, podendo futuramente suscitar outros estudos no horizonte do tempo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*. Versão online digitada por Lucia Maria Csernik, 2007. Disponível em: https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf. Acesso em: nov. 2020.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CASTRO, Dácio Antônio de. *Primeiras Estórias Guimarães Rosa – roteiro de leitura*. São Paulo: Editora ática, 1993.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1971.

DA SILVA BERNARDES, Matheus. Um ensaio filosófico sobre tempo e esperança. *Annales Faje*, v. 5, n. 5, p. 7-15, 2020. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4712>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DE SOUZA, Humberto Araújo Quaglio. Tempo e Eternidade sob a perspectiva do Uno em Melisso de Samos e do Devir kierkegaardiano no Interlúdio de Migalhas Filosóficas. *Pensando-Revista de Filosofia*, v. 2, n. 4, p. 50-68, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/685>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DE SOUZA, Humberto Araújo Quaglio. *Kierkegaard sob a Perspectiva de Otto: O Instante e o Numinoso*. 2010. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/Kierkegaard/humberto.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

JESUS, Shirley Maria. A temporalidade dos contos ‘As margens da alegria’ e ‘Os Cimos’ de Guimarães Rosa. *Revista Virtual de Letras da UFMG*, 2013. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/210.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2021.

JUNIOR, Hugo Fonseca Alonso. “Bebo água de todo rio...”: Sobre a importância da religião como tema teológico-literário central em GSV. *Correlatio*, v. 11, n. 21, p. 145-161. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/3319>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ROSENFELD, Kathrin Holtermayr. *Desenveredando Rosa: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo, RS, Brasil: Editora Sinodal, 1985.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte editorial, 2009.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 2ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.